

O LIVRO DE ISAÍAS **Introdução interativa**

The Book of Isaiah **Interactive introduction**

*António Couto **

* D. António Couto licenciou-se e doutorou-se em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Urbaniana, Roma. Estudou em Jerusalém e foi docente de Teologia em várias instituições. Foi Reitor do Seminário da Boa Nova, Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, Membro da Congregação para a Evangelização dos Povos. Recebeu a Ordenação Episcopal em 2007. Foi Bispo Auxiliar de Braga, e é Bispo de Lamego desde 2012.

Quem lê atentamente os 66 Capítulos que compõem o Livro de Isaías facilmente se apercebe de mudanças de cenário histórico, bem como de diferentes ritmos literários e acentuadas distinções no mapa teológico¹.

Assim, no que diz respeito à história, salta à vista que, até ao Capítulo 39, se fala de figuras da segunda metade do século VIII a. C., como Ozias (6,1), Joatão (7,1), Acáz (7,1.3.10.12; 14,28) e Ezequias (36,1; 39,8), reis de Judá, Faceia (rei de Israel), Rason (rei da Síria), Tiglat-Pilezer III, Sargão II e Senaquerib (reis da Assíria)². O próprio nome «Isaías» (*Y^esha'abû* [= salvou YHWH]), que aparece 16 vezes no Livro de Isaías, fica confinado aos primeiros 39 Capítulos, como se pode ver nos títulos (1,1; 2,1; 13,1) e nas narrativas em 3.ª pessoa (7,3; 20,2.3; 37,2.5.6.21; 38,1.4.21; 39,3.5.8), e nunca aparece a partir do Capítulo 40³. Mas também são desse tempo os diversos cenários históricos referidos: a) Judá e Israel são reinos independentes, com evidentes lutas políticas; b) a Assíria é a potência dominadora em expansão para ocidente; c) a guerra «siro-efraimita» (734 a. C.); d) alude-se à queda do reino de Israel (722 a. C.), ao assalto a Ashdod levado a cabo por Sargão II (722-705) em 711 a. C.⁴, à invasão de Senaquerib a Judá e Jerusalém (701 a. C.)⁵. É igualmente notório que, a partir do Capítulo 40, o cenário histórico traçado nos leva para meados do século VI a. C., com a menção de uma única figura conhecida nos palcos da

¹ Para quanto segue, J. L. SICRE, *Profetismo en Israel. El Profeta. Los Profetas. El Mensaje*, Estella, Verbo Divino, 7.ª ed., 2005, p. 196-197; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39. A New Translation with Introduction and Commentary*, «The Anchor Bible» 19, Nova Iorque – Londres – Toronto – Sidney – Auckland, Doubleday, 2000, p. 89; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55. A New Translation with Introduction and Commentary*, «The Anchor Bible» 19A, Nova Iorque – Londres – Toronto – Sidney – Auckland, Doubleday, 2002, p. 43.

² J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas. I. Isaías, Jeremias*, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 91; H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, in E. ZENGER (ed.), *Introduzione all'Antico Testamento*, Brescia, Queriniana, trad. italiana da 5.ª ed. alemã, 2005, p. 652.

³ H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 651; J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 1-39*, Grand Rapids, Eerdmans, 1986, p. 4.

⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 101.

⁵ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas. I. Isaías, Jeremias*, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 91; J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196.

história, o rei persa Ciro (44,28; 45,1)⁶, e a exortação ao povo para que «saia da Babilónia» (48,20; 52,11; 55,12) e empreenda o regresso a Jerusalém⁷. Todavia, a partir do Capítulo 56, o leitor atento não deixará de notar que há um novo cenário de fundo: a Jerusalém pós-exílica sob domínio persa⁸.

No que se refere ao andamento literário, o leitor atento aperceber-se-á do estilo poético, limpo e medido, conciso e breve, aliterado e solene, com algumas imagens e frases lapidárias, nos primeiros 39 Capítulos⁹. Nos Capítulos 40-55, a poesia é mais retórica e apaixonada, cheia de repetições e paralelismos¹⁰. Os Capítulos 56-66 seguem o ritmo dos Capítulos 40-55, mas o estilo poético é mais pobre e comedido¹¹.

Os índices teológicos são igualmente diferentes. Os Capítulos 40-55 oferecem uma poderosa teologia da história, com o recurso frequente ao Deus Criador (*bore'*), Redentor (*gô'el*), Salvador (*môshâa'*), «Primeiro e Último» (*barishôn we'ab^aron*), títulos completamente ausentes dos Capítulos 1-39¹². Ainda assim, parece que o grande interesse de Isaías, nestes Capítulos, seja mostrar que Deus é o único que pode salvar¹³. A polémica contra o culto das imagens é comum em Is 40-48, não se verificando nas demais secções do Livro, e não é relevante em Is 1-39¹⁴. O termo «servo» (*'ebed*), usado com um preciso significado religioso, encontra-se 32 vezes nos Capítulos 40-66, e apenas duas vezes, e diferente significado, nos primeiros 39 Capítulos, referindo-se aí uma vez a Isaías (20,3) e a outra a David (37,35)¹⁵. Os Capítulos 56-66 mostram particular

⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 86; J. M. ABREGO DE LACY, *Los libros proféticos*, Estella, Verbo Divino, 2001, p. 99; H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 652; J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196.

⁷ J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196.

⁸ J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196; J. BLENKINSOPP, *Une histoire de la prophétie en Israël. Depuis le temps de l'installation en Canaan jusqu'à la période hellénistique*, Paris, Cerf, 1993, p. 131.

⁹ J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196.

¹⁰ J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196.

¹¹ J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 196.

¹² J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 89; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 43.

¹³ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, Grand Rapids, Eerdmans, 1998, p. 205.

¹⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 240.

¹⁵ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 89.

interesse pelo culto, pondo em destaque temas como os sacrifícios e o sábado, que não aparecem nos Capítulos 40-55¹⁶. Como bem refere Blenkinsopp, em Is 56,1-8 soa uma música nova, que pouco tem a ver com as pautas das páginas anteriores¹⁷.

Não obstante estas notórias dissemelhanças, não se duvidou durante séculos em atribuir a inteira obra ao profeta Isaías, do século VIII, mais ou menos como se atribuíam o Pentateuco a Moisés, os Salmos a David, e os textos de carácter sapiencial a Salomão¹⁸. Durante a Idade Média apenas autores perspicazes, de tradição judaica, como Samuel Ibn Gekatilla (séc. XI) e o seu continuador Abraham Ibn Ezra (séc. XII), atribuíram a primeira Parte ao profeta Isaías, e a segunda à época pós-exílica¹⁹. Este estado de coisas só veio a conhecer um pouco mais de luz em 1775, quando Johann Christoph Döderlein começou a falar do dêutero-Isaías, profeta anónimo do exílio, a quem atribui os Capítulos 40-66²⁰. O passo seguinte dá-se em 1892, ano em que Bernhard Duhm publica um Comentário sobre Isaías²¹. Assiste-se então à rutura dos Capítulos 40-66 em duas unidades, resultando daí o dêutero-Isaías (40-55) e o trito-Isaías (56-66)²². Tornou-se, desde então, habitual dividir o Livro de Isaías em três grandes Partes, cuja redação haveria que situar em épocas diferentes: Is 1-39 ou Isaías de Jerusalém, mais ou menos entre 736-700²³; Is 40-55 ou dêutero-Isaías, mais ou menos entre 550-540²⁴; Is 56-66 ou trito-Isaías, em meados do século

¹⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66. A New Translation with Introduction and Commentary*, «The Anchor Bible» 19B, Nova Iorque – Londres – Toronto – Sidney – Auckland, Doubleday, 2003, p. 27; J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 197.

¹⁷ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 29.

¹⁸ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 73.

¹⁹ J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 197.

²⁰ J. C. DÖDERLEIN, *Esaias*, Altdorf, 1775, p. XII-XIV; J. VERMEYLEN, *L'unité du livre d'Isaïe*, in J. VERMEYLEN (ed.), *The Book of Isaiah. Le Livre d'Isaïe. Les oracles et leurs relectures. Unité et complexité de l'ouvrage*, BETL 81, Lovaina, Leuven University Press – U. Peeters, 1989, p. 13; J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 197; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 82; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 42.

²¹ B. DUHM, *Das Buch Jesaja*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1892, p. XIII-XIV e XVIII-XIX.

²² J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 197.

²³ H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 669.

²⁴ H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 672.

V, antes da chegada de Neemias a Jerusalém (445 a. C.)²⁵. Para Duhm, Is 40-55 e 56-66 foram unidos no princípio do século II a. C.²⁶, tendo o Livro de Isaías assumido a sua forma atual durante o reinado da rainha Salomé Alexandra (78-69 a. C.)²⁷, da dinastia dos Asmoneus, a idade de ouro do farisaísmo e do escribalismo. Jacques Vermeulen²⁸ diz assim a fabricação do Livro de Isaías. 1) Na base, podemos pressupor duas recolhas independentes: o proto-Isaías, que reunia então os oráculos do profeta do séc. VIII, e uma pequena recolha deuterossaiana. 2) Por volta de 480, os oráculos do proto-Isaías são objeto de uma intensa reformulação, que testemunha a releitura escatológica da obra, salientando particularmente o julgamento exercido por YHWH sobre o mundo pagão e sobre Babilónia, a sua capital. A pequena coleção deuterossaiana, atravessada pela mensagem teológico-política de reunir a população judaica à volta de Ciro, não é afetada por esta reformulação. 3) É provavelmente por volta de 445 que as duas recolhas são reunidas por um redator que vê na obra empreendida por Neemias a aurora de uma nova era para Sião. Este redator vê no proto-Isaías o anúncio dos acontecimentos dolorosos vividos por Jerusalém até esse tempo, mas sabe ver também na recolha deuterossaiana o anúncio da restauração da cidade, de que ele se faz testemunha cheia de esperança. Por assim dizer, ele tinha já à disposição esta dupla mensagem em Is 1-2, nomeadamente no poema sobre a «cidade fiel», decaída, mas destinada à renovação (Is 1,21-26), e na visão da peregrinação pacífica de todas as nações a Sião (Is 2,2-4). Ao fazer a junção destas duas recolhas, e atribuindo a cada uma o sentido que acabámos de indicar, o redator é levado a apresentá-las logicamente numa sucessão histórica. Para assegurar esta ligação, o redator serve-se dos meios de que pode dispor: A) abre a segunda parte da sua obra

²⁵ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 351.

²⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 27.

²⁷ Sobre o assunto J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 27.

²⁸ J. VERMEYLEN, *L'unité du livre d'Isaïe*, p. 52-53.

com o anúncio da palavra de consolação (Is 40,1-3.5)²⁹, que faz equilíbrio com a palavra de condenação colocada a abrir o livro (Is 1,2-20); B) enriquece com numerosos comentários e acrescentos os oráculos de Is 1-39, e, sobretudo, de Is 40-55; C) finalmente, coroa a inteira obra com um grande quadro redacional (Is 56-66), que faz equilíbrio com Is 1-2. Nesta maneira de ver, o chamado trito-Isaías não reporta os oráculos de um terceiro profeta anónimo, discípulo do dêutero-Isaías; deve, antes, ser visto como a obra escrita, mediante a qual, o redator do tempo de Neemias prolonga a sua reflexão a partir de Is 1-55. 4) Depois da época de Neemias, o texto assim conseguido conhecerá ainda diferentes releituras, que incidirão agora sobre o inteiro Is 1-66, até ao seu estágio final, como hoje o conhecemos.

Depois desta desmontagem e tecelagem do texto na história, alguma crítica recente tem tentado mostrar a unidade do inteiro Livro de Isaías (1-66) em termos lexicais, temáticos e estruturais, certamente obra de harmonização das sucessivas redações, que também terão limado os caixilhos históricos. Entra aqui a chamada leitura canónica de Brevard S. Childs³⁰ e de Christopher R. Seitz³¹, como também a hipótese da escola isaiana de discípulos (*limmudîm*) (cf. 8,16) em funcionamento permanente desde o século VIII até ao século VI proposta por Sigmund Mowinckel³². Todavia, torna-se hoje cada vez mais evidente que entre Is 1-39 e Is 40-66 são mais as diferenças do que as semelhanças³³, havendo quem classifique o proto-Isaías como um livro «negro»

²⁹ É elucidativa aqui a leitura daquele «Consolai, consolai o meu povo» (Is 40,1), não como início de um Livro, mas como o *turningpoint* na composição de uma obra, como mostra J. VAN GOUDOEVER, *The Celebration of the Torah in the Second Isaiah*, in J. VERMEYLEN (ed.), *The Book of Isaiah*, p. 315.

³⁰ B. CHILDS, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, Philadelphia, Fortress, 1979, p. 325-330, refere que os responsáveis pela última etapa do Livro de Isaías suprimiram propositadamente as marcas históricas dos Capítulos 40-55 e 56-66, com o intuito de fortalecer a unidade teológica da composição, e terão igualmente reescrito o chamado I Isaías (1-39), em ordem a acomodá-lo às ideias que percorrem a última fase da Obra.

³¹ C. R. SEITZ, *The Book of Isaiah 40-66*, Nashville, Abingdom, p. 310-312.

³² S. MOWINCKEL, *Prophecy and Tradition*, Oslo, Jakob Dybwad, 1946, p. 66-71. Mais recentemente, J. EATON, *The Isaiah Tradition*, in R. J. COGGINS (ed.), *Israel's Prophetic Heritage. Essays in Honour of Peter Ackroyd*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982, p. 58-76. Ver J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 42.

³³ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 87; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 43; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 34.

ao lado do livro «rosa» do dêutero-Isaías³⁴, acontecendo mesmo que em algumas das grandes Séries de Comentários ao AT, quando se trata de comentar Isaías, se confiem os Capítulos 1-39 e 40-66 a exegetas diferentes³⁵. Não é mais viável admitir, como foi largamente defendido por muitos, e ainda recentemente por John Oswalt³⁶, um único autor para o inteiro Isaías, precisamente o Isaías do século VIII, que, além de dizer o seu tempo (Is 1-39), teria predito também os acontecimentos do exílio da Babilónia (Is 40-55) e o posterior regresso dos exilados (Is 56-66)³⁷. O cerne da questão que preside aos que têm esta maneira de ver, e que Alonso Schökel e José Luis Sicre classificam como «nostálgicos», «nostálgicos parciais» e «mininostálgicos»³⁸, é a sua conceção de profecia como predição ou adivinhação³⁹. Mas os estudos bíblicos vieram mostrar outra conceção da profecia bíblica, que não passa por esta estranha conceção de Inspiração e de Revelação. O mais razoável é vislumbrar, por entre as divergências e os acordes do inteiro Livro de Isaías, um longo processo de reinterpretação, de reaplicação e de sedimentação, uma espécie de *Fortschreibung*⁴⁰, sempre com as devidas cautelas, nomeadamente no que se refere ao chamado dêutero-Isaías, que não deve ser entendido, no seu todo, como expansão literária (*Fortschreibung*) e interpretação do chamado primeiro-Isaías⁴¹,

³⁴ Ver referências em J. VERMEYLEN, *L'unité du livre d'Isaïe*, p. 12 e 52.

³⁵ J. VERMEYLEN, *L'unité du livre d'Isaïe*, p. 11 e nota 3. Jacques Vermeylen menciona o caso das conhecidas Séries *The Interpreter's Bible* [IntBibl] (R. B. Y. Scott e J. Muilenberg), *Das Alte Testament Deutsch* [ATD] (O. Kaiser e C. Westermann), *Biblisches Commentar. Altes Testament* [BKAT] (H. Wildberger e K. Elliger, depois H.-J. Hermisson) e *De Prediking van het Oude Testament* [POuT] (L. A. Sniijders e W. A. M. Beuken).

³⁶ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 1-39* (cit.); J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66* (cit.).

³⁷ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 1-39*, usa o termo «predição» nas p. 23.24.28. O mesmo sucede em J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 3.5-6.

³⁸ De acordo com Alonso Schökel e Sicre, os «nostálgicos» são os que continuam a atribuir os 66 Capítulos de Isaías ao profeta do séc. VIII a. C., os «nostálgicos parciais» são os que continuam a defender a unidade dos Capítulos 40-66, e os «mininostálgicos» são os que se agarram à teoria de Duhm e continuam a defender a existência de um trito-isaías. J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 93; J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 197-198.

³⁹ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 93; J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 197-198.

⁴⁰ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 74 e 82; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 34.

⁴¹ H.-J. HERMISSON, *Studien zur Prophetie und Weisheit*, Tübinga, Mohr Siebeck, 1998, p. 144; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 50.

ainda que seja possível assinalar entre os dois diversos pontos importantes de convergência⁴². Veja-se, a título de exemplo, «a terra *desolada* (*sh^hmamah*) e o *abandono* (*ʿzūbah*) grande no país», que marcam a missão confiada a Isaías (6,11-12), e que retoma a temática já desenhada em 1,7 de a «vossa terra *desolada* (*sh^hmamah*)..., *desolação* (*sh^hmamah*) levada a cabo por estrangeiros», que reclama as maldições enunciadas em Dt 28⁴³, *desolação* e *abandono* resolvidos em Is 62,4, com o solene dizer do profeta: «Não mais te chamarão *abandonada* (*ʿzūbah*), nem chamarão mais a tua terra *desolada* (*sh^hmamah*)», e em 62,12: «chamar-te-ão cidade *não-abandonada* (*yiqare' 'ér lo' ne'eṣabab*)», e com marcas também em 54,1, em que serão «multidão os filhos da *abandonada*» (*rabîm b^h nê-shômamah*)⁴⁴, e 54,6-7, em que Jerusalém, que era como «uma mulher *abandonada* (*ʿzūbah*)», será agora recordada⁴⁵ e acariciada por YHWH, o mesmo sucedendo em 60,15, com a reviravolta operada por Deus em favor de Jerusalém outrora *abandonada* (*ʿzūbah*) e *sem nenhum passante* (*n^h'eyn 'ôber*), mas agora transformada em *orgulho eterno* (*ga'ôn 'ôlam*) e *alegria* (*m^hsôs*) de geração em geração (*dôr wadôr*)⁴⁶. Ver também a confissão de Jerusalém: «YHWH *abandonou-me* (*ʿzabanî*)» (Is 49,14), logo seguida pela declaração e proclamação por parte de YHWH de um amor insuperável, que supera até o amor de uma mãe: «Eu nunca te esquecerei» (Is 49,15).

As anotações acima registadas mostram a dimensão desmesurada do rolo compressor da *desolação* e do *abandono* que assolará Jerusalém até ao limite

⁴² Para as anotações que se seguem, ver R. RENDTORFF, *Jesaja 6 im Rahmen der Komposition des Jesajabuches*, in J. VERMEYLEN (ed.), *The Book of Isaiah*, p. 73-82, esp. p. 79.

⁴³ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 119; J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 1-39*, p. 91.

⁴⁴ Esta *multidão* (*rabîm*) não deixa de estabelecer também outro agravo com a *multidão* (*rabîm*) dada em herança (*ʿhaleq-lô*) ao Servo de YHWH (Is 53,12), que experimentava uma situação de desolação e de abandono semelhante à de Jerusalém. P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, Paris, J. Gabalda, 1972, p. 288.

⁴⁵ Na verdade, o TM regista, não «recordada», mas «chamada» (*qara'*), e Pierre Bonnard precisa que «o uso deste termo comporta uma preciosa indicação. Ensina-nos que toda a recordação de Deus não é senão o seu primeiro chamamento, feito a todo o ser humano desde a sua gestação no ventre materno (Is 49,1)». P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 292.

⁴⁶ P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 409.

(*'ad-matay* [= até quando?], pergunta Isaías, *'ad 'asher...* [= até que...]) (6,11)⁴⁷, responde Deus, e que, em termos históricos, passa pelas tragédias de 701, 597 e 587, e a reviravolta operada a partir de Is 40, em termos históricos, no pós-exílio, com a anotação de que Jerusalém «sorveu até ao fim o seu serviço pesado (*maš'ab ts'ba'ah*)» (40,2)⁴⁸, uma espécie de escravidão ou serviço militar obrigatório, como indica o termo hebraico *tsabab*⁴⁹. Aquele «Consolai, consolai o meu povo» (*nab^amû nab^amû 'ammî*), com que abre Is 40,1, não indicia o início de um novo Livro, mas a conhecida reviravolta ou peripécia, o *turningpoint*, dentro da composição da obra isaiana⁵⁰. Sim, existe um relacionamento entre Is 6 e 40, notório na resolução positiva⁵¹ em Is 40 das temáticas negativas expressas em Is 6. De polo em polo. É a velha lógica profética, já verificada no discurso de outros profetas, que ao tempo do castigo faz suceder o tempo da salvação⁵². O relacionamento intertextual anotado entre Is 6 e 40 tem a ver apenas com a temática em questão, e não parece ter nada a ver com as pretensas «narrativas de vocação» de duas hipotéticas figuras proféticas diferentes, o «proto-Isaías» e o «dêutero-Isaías»⁵³. Vendo bem, Is 40,1-8 não é sequer dirigido a uma pessoa, e nada tem a ver com um possível chamamento para o ministério profético⁵⁴. Em termos temáticos e vocabulares, Is 6 presta-se, porém, ao estabelecimento de outras pontes entre os dois corpos isaianos. Assim, Is 6,10 deixa a claro que é a *esclerose*, a *dureza* ou o *empedrado* do coração, a *surdez* dos ouvidos e a *cegueira* dos olhos, a doença grave (*h^alî*) da rebeldia (*sarah*) (cf. 1,5) que bloqueia a

⁴⁷ A expressão, em forma de lamento, tem em vista a devastação de Judá, que já se vislumbra no horizonte, e não a conquista da Síria e de Israel pela Assíria. J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 226.

⁴⁸ É este o verdadeiro agrafo entre Is 6,11-12 e Is 40. R. RENDTORFF, *Jesaja 6 im Rahmen der Komposition des Jesajabuches*, p. 79.

⁴⁹ J. L. SKA, *La strada e la casa. Itinerary biblici*, Bolonha, EDB, 2001, p. 90.

⁵⁰ J. VAN GOUDOEVER, *The Celebration of the Torah in the Second Isaiah*, p. 315.

⁵¹ A locução «falar ao coração» (*dibber 'al-leb*) de alguém implica despertar a sua inteligência, o seu amor, a sua coragem e a sua alegria. P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 86; J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 49-50.

⁵² J. VERMEYLEN, *L'unité du livre d'Isaïe*, p. 15.46.52-53.

⁵³ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 82; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 50. Joseph Blenkinsopp põe em causa que qualquer uma das duas narrativas, Is 6,1-13 e Is 40,1-8, sobretudo a segunda, possam ser consideradas «narrativas de vocação».

⁵⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 226.

compreensão e a conversão, e, em última análise, a *cura* de Israel. A temática da doença da *cegueira* e da *surdez* é de novo acentuada em Is 42,18-20 e 43,8⁵⁵, sendo sempre essa a causa que impede a *cura* de um Israel, por assim dizer, *incurável*, porque petrificado e calcinado (*tib'ar*) (42,25). Mas também a *não-cura* da doença anotada em 6,10 (*pen... w'rapha' lô*), e aí devidamente justificada, será a seu tempo por Deus *curada* (*yirpa'*: Is 30,26; *'erpa'ebû*: 57,18). Nós próprios o constataremos, quando, no chamado «Quarto canto do Servo de YHWH», e à vista dele, formos levados a fazer a incrível declaração: «nas suas chagas estava a *cura para nós* (*nirpa' lanû*)»⁵⁶. Comentário fino de Paul Beauchamp: «o Servo teria, pois, *curado* no povo o que nele havia de *incurável*!»⁵⁷. Sempre dentro deste circuito textual, Paul Beauchamp mostra este Servo «curador», classificado «como uma raiz que brota de uma terra árida» (Is 53,2b), calcinada, seca, na linha daquele «toco seco (*matstsebet*) destinado a ser uma semente santa (*zera' qodesh*), como se lê em Is 6,13, unindo outra vez belamente os dois corpos isaianos⁵⁸, para não dizer mesmo o inteiro caudal profético. Na verdade, todo o discurso profético põe a nu os ossos calcinados e o corpo doente, mirrado, definhado e desfigurado de quem não escuta a Palavra de Deus, mostrando também o milagre do novo vigor que só a Palavra de Deus pode produzir nos caminhos empedrados e asphaltados da nossa vida (cf. Am 8,12; Ez 37,1-14).

Os capítulos 36-39, que servem de apêndice histórico a Is 1-35, e foram retirados, com pequenas modificações, do 2 Livro dos Reis 18,13-20,19⁵⁹, têm quase sempre passado ao lado da pesquisa científica⁶⁰. Mas são hoje cada vez mais vistos, na arquitetura da composição final do Livro de Isaías, como o seu

⁵⁵ A temática da cegueira e da surdez do povo aqui aludida supõe o conhecimento de Is 6. J. VERMEYLEN, *L'unité du livre d'Isaïe*, p. 24.

⁵⁶ P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur. D'Isaïe à Jean*, in J. VERMEYLEN (ed.), *The Book of Isaiah*, p. 344; R. RENDTORFF, *Jesaja 6 im Rahmen der Komposition des Jesajabuches*, p. 78.

⁵⁷ P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, p. 344.

⁵⁸ P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, p. 344-345.

⁵⁹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 82; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 46.

⁶⁰ H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 659.

verdadeiro centro temático e teológico⁶¹, dado que, com superior arte literária, salientam e entrelaçam muito bem o tema da *doença* e da *salvação* ou *cura* de Ezequias com o tema da *doença* e da *salvação* ou *cura* da cidade de Jerusalém (Is 38,5-6)⁶², ameaçada na sua sobrevivência, mas sacudida por uma ainda mais forte mensagem de esperança, que é a nota melódica sempre a emergir na sinfonia do Livro de Isaías e de toda a literatura profética⁶³. Além disso, a notável ponte que é Is 36-39 faz ligação também, ainda que por contraste, com Is 7-8, mostrando as crises de 701 e 734 respetivamente, e opondo e entrecruzando as suas duas principais figuras, Ezequias e Acaz, com clara vantagem para Ezequias⁶⁴.

Na busca de articulações entre estes dois corpos isaianos, também não passa despercebida a grande *auto estrada* que liga Is 35,8-10 a Is 40,3-5, ou o regresso do exílio da Babilónia a Judá, apenas quebrada por Is 36-39, que abre, no entanto, também um belo *link*, concluindo com o anúncio, feito por Isaías a Ezequias, do exílio na Babilónia (Is 39,5-8)⁶⁵. Is 35,8 refere essa *auto-estrada* com a expressão «uma estrada e um caminho» (*maslûl waderek*) ou «caminho santo», «via sacra» (*derek haqqodesh*), e 40,3 retoma-a como «um caminho para YHWH» (*derek YHWH*), «uma estrada para o nosso Deus» (*m^s sillah le'lohênâ*).

Passemos os olhos por esta *auto-estrada* entrecortada:

«35,⁸ Haverá lá uma estrada (*maslûl*)⁶⁶ e um caminho (*derek*), caminho santo (*derek haqqodesh*) será chamado, nenhum impuro (*thame'*) o atravessará, Ele mesmo andarà nesse caminho (*derek*), os tolos (**wîlîm*) não deambularão (*ta'ab*) nele. ⁹Lá não haverá leão, o mais feroz dos animais selvagens não o trilhará, não será nele encontrado; lá andarão os redimidos (*g'ûlîm*). ¹⁰Os libertados (*padah*) por YHWH voltarão (*shûb*), virão a Sião com gritos de alegria (*b'rinnah*), alegria

⁶¹ Sobretudo U. BERGES, *Das Buch Jesaja. Composition und Engestalt*, Friburgo, Herder, 1998.

⁶² J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 47; H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 659.

⁶³ H.-W. JÜNGLING, *Il libro di Isaia*, p. 659.

⁶⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 46.

⁶⁵ A passagem de Is 39,5-8, em que Isaías confirma a Ezequias que se vai cumprir o castigo anunciado com a realização do exílio, que levará para a Babilónia riquezas e pessoas, leva Ezequias a afirmar que é boa esta palavra (v. 8). O importante *link* consiste em mostrar que, se se realiza a desgraça anunciada na primeira parte de Isaías (1-33), então também é seguro que se realizará a esperança anunciada em Is 40-48. J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 82-83.

⁶⁶ *maslûl* é um hapax. J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 181.

eterna (*simbat 'ôlam*) sobre a sua cabeça, gozo e alegria (*sasôn w' simbah*) os acompanharão (*hisíg, hiphil*), cessarão a tristeza (*yagôn*) e o gemido (*'nahab*)» (Is 35,8-10).

«40,³Uma voz clama (*qól qóre*): “No deserto (*bammidbar*) preparei (*pannú*, modo piel de *panab*) um caminho para YHWH (*derek YHWH*); aplanai (*yashar*) na estepe (*ba^urabab*) uma estrada para o nosso Deus (*m^s sillab le'lobênû*). ⁴Todo o vale (*gaye*) seja elevado (*nasa*), toda a montanha e toda a colina abaixadas, o terreno acidentado (*'aqob*) se transforme em planície (*míshôr*), as elevações (*r^ekasîm*)⁶⁷ em vale (*biq^e'ah*); ⁵será revelada (*galah*) a glória de YHWH, vê-lo-á toda a carne (*kol-basar*) ao mesmo tempo (*yahdam*), porque a boca de YHWH falou”» (Is 40,3-5).

Esta *estrada* descrita em 40,3, e que é a *estrada* geográfica que conduz da Babilónia até Judá⁶⁸, recebe um colorido escatológico em 35,8-10, e passa a ser uma metáfora para dizer a passagem deste mundo para o mundo novo que há-de vir⁶⁹. Acostando estes dois textos, pode parecer ao leitor que resulta óbvio alinhá-los em continuidade, e ligar Is 35 ou 34-35⁷⁰ a Is 40 e ao chamado «segundo-Isaías». Há, porém, um problema de monta a considerar para evitar cair nessa tentação, e é que as particularidades históricas de Is 40-55 estão completamente ausentes de Is 35, que apresenta um cenário completamente a-histórico, semelhante a uma projeção imaginária para o futuro, de colorido não histórico, mas de teor muito mais escatológico, ético e espiritual, que será, de resto, o sentido que se irá encontrar, com o mesmo vocabulário, em Is 57,14 e 62,10, o que chega para mostrar que a estrada de Is 35 se associa, não tanto com o chamado «segundo-Isaías», mas mais com o chamado «trito-Isaías»⁷¹. Provavelmente, a *auto estrada* histórico-geográfica de Is 40,3-5, é expandida e transformada na *auto estrada* espiritual de Is 35,8-10, Is 57,14 e Is 62,10⁷². E é

⁶⁷ *r^ekasîm* é um hapax. J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 182.

⁶⁸ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 45.

⁶⁹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 457; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 45.

⁷⁰ Também aqui, neste díptico, que reúne a destruição de Edom (34) e a restauração de Judá (35), está um belo *link*, que fecha, como em analepse, a linha desgraçada que pervade Is 1-33, e aponta, em prolepse, para a nova página, paisagem renovada, que aparecerá em Is 40-48. J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 83.

⁷¹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 457; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 45; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 169.242.

⁷² Ver também este sentido ético e espiritual em H. SIMIAN-YOFRE, *Exodo en Deuterocisaias*, in *Biblica*, 61, 1980, p. 530-553, esp. p. 531-537.

assim também que o tema da *auto estrada espiritual* chegará a João Batista, o qual, nos alvares do NT, e postando-se expressamente na linha de Isaías, continua a convocar o povo para a construção da ponte da conversão (cf. Mt 3,3; Mc 1,3; Lc 3,4; Jo 1,23).

Porque assim o exige uma melhor clarificação, juntamos os últimos dois textos isaianos referidos:

«57,¹⁴E ele disse: “Aplanai, aplanai (*sollû-sollû*), preparai um *caminho* (*pannú-derek*), removei todo o obstáculo (*mikshôl*)⁷³ do *caminho* do meu povo (*derek 'ammî*)» (Is 57,14).

«62,¹⁰Atravessai, atravessai (*'ibrû 'ibrû*) as portas, preparai o caminho do povo (*pannú derek ha'am*); aplanai, aplanai a *estrada* (*sollû sollû han'sillah*), removei as pedras, levantai um sinal para os povos» (Is 62,10).

Esta *estrada*, mais intransitiva do que transitiva, requer operações especiais de teor ético e espiritual, postas em destaque pela técnica retórica da repetição [= *sollû sollû, 'ibrû 'ibrû, nab^amû nab^amû...*], que empresta ao texto um estilo enfático⁷⁴. É esta a única *estrada*, *estrada* santa, que conduz da escravidão para a verdadeira liberdade⁷⁵. Para além da *estrada* histórico-geográfica da diáspora babilônica, que preparava a *parousía* de YHWH e a salvação que vinha com Ele⁷⁶, trata-se aqui da construção de uma *estrada* para o povo⁷⁷, e o sinal do início da grande procissão escatológica para Jerusalém e para o Templo⁷⁸.

Um dos últimos esforços para impor uma certa unidade ao Livro inteiro foi o recurso à técnica literária da bracelete ou da inclusão, fazendo ver a ocorrência dos mesmos temas no primeiro e no último Capítulos, no seu todo,

⁷³ O termo hebraico *mikshôl* designa sempre «pedra de escândalo», sendo Lv 19,14 a única exceção conhecida, que dá, todavia, o tom real para o sentido metafórico do «escândalo».

⁷⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 169.

⁷⁵ J. VAN GOUDOEVER, *The Celebration of the Torah in the Second Isaiah*, p. 314-315.

⁷⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 40-55*, p. 181; P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 363.

⁷⁷ P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 363.

⁷⁸ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 242-243.

mas principalmente nas suas últimas secções (1,27-31 e 66,17-24)⁷⁹. Começaremos por mostrar a parte salientada no final do primeiro Capítulo (1,27-31), para mostrarmos em seguida a parte em destaque no final do último Capítulo (66,17-24), em que são visíveis quatro andamentos (v. 17; v. 18-21; v. 22-23; v. 24)⁸⁰:

«1,²⁷Sião no direito (*mishpath*) será redimida (*tipadeh*), e os que retornam (*shabím*) na justiça (*t^sdaqah*),²⁸mas será ruína (*sheber*) para rebeldes (*posb^tím*) e pecadores (*haththa'ím*), todos juntos. Os que abandonam (*oz^tbê*) YHWH perecerão (*yiklú*).

²⁹Sim, tereis vergonha (*bósh*) dos carvalhos (*me'élím*) por que suspirais (*hamad*), tereis vergonha (*baphar*) dos jardins (*mehaggannôl*) que escolheis (*babar*),³⁰pois sereis como o carvalho (*'elab*) a que secam as folhas e como o jardim (*gannah*) que não tem água.

³¹E será o poderoso (*hason*) como estopa (*n^eoret*), e a sua obra (*po^ulô*) como a fáiça (*nútsóts*): arderão (*ba^urú*) ambos juntos, e não haverá quem os apague (*n^t'ên n^tkabel*)» (Is 1,27-31).

Trata-se do oitavo e último andamento do Capítulo I de Isaías, que, por um lado, retoma, recapitula e reformula em clave quase apocalíptica e escatológica o que fica para trás (1,1-26)⁸¹, e, por outro, se agrafa ao último andamento do Livro (66,17-24)⁸², insinuando-se também em todos os interstícios do Livro de Isaías⁸³, funcionando como uma espécie de prólogo tardio ao inteiro Livro⁸⁴, certamente na última fase da sua compilação ou formação⁸⁵. É importante perceber a nova toada em que é empregada aqui a hendíade *mishpath úts^tdaqah*, «direito e justiça». Na verdade, na tradição profética em geral, esta hendíade situa-se no domínio da ordem social, expressa profunda

⁷⁹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 85.181; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 35.

⁸⁰ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 311.

⁸¹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 187.

⁸² J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 181.

⁸³ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 181.

⁸⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 181; J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 124.

⁸⁵ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 187.

solicitude pelos direitos das pessoas, particularmente dos mais pobres e marginalizados e denuncia os que os esbulham e exploram (cf. Is 1,17.21; 5,7.16; 10,2; Am 5,24; 6,12; Mq 3,1.8-9; 6,8)⁸⁶. De modo diferente, aqui e na parte final do Livro de Isaías (cf. 51,6.8; 56,1; 59,9.16-17; 61,10-11; 63,1), esta *hendíade*, ou mesmo só um dos seus termos, não significa tanto «direito e justiça», mas «julgamento» e «condenação» ou «salvação»⁸⁷, não se apresenta com um cunho social declarado, mas traça uma linha divisória clara entre o eleito e o rebelde, não em termos económicos e sociais, mas culturais, pondo sobretudo em destaque as aberrações culturais que serão objeto de condenação sobretudo nos últimos 11 Capítulos do Livro (56-66), em que é claramente dito que os *posb'ím* [= rebeldes, transgressores] são aqueles que abandonaram YHWH ('*oz'bé YHWH*) (65,11) e escolheram (*bahar*) cultos que não Lhe agradam (65,12; 66,3-4), debaixo dos carvalhos ('*elím*) (57,5) e nos jardins (*gannôt*) (65,3; 66,17), e que acarretam sobre eles a vergonha eterna (*bôsh*) (65,13; 66,5)⁸⁸. Veja-se também o uso do termo *posb'ím* em Is 1,28, mas também em Is 66,24 e Os 14,10, nestes dois últimos casos, os últimos versículos dos respetivos Livros. Sem sair da plataforma dos rebeldes (*posb'ím*), reclame-se também, em contraponto, o sintagma «os que retornam» (*shabím*) (Is 1,27) com «os «penitentes»/ os que retornam (*shabím*) da rebelião (*pasha*), e cujo redentor (*gô'el*) vem a Sião» (Is 59,20)⁸⁹.

Os carvalhos⁹⁰ e os jardins como objeto de atração e fascínio (*nehmad*) (Is 1,29-30; cf. 66,17) andam associados com idolatria e os cultos de fertilidade e fecundidade. Abandonar Deus, que fez as árvores, e adorar as árvores, passa como o cúmulo da estupidez⁹¹. O mesmo verbo (*hamad*) já aparece ligado a

⁸⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 181.187.

⁸⁷ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 187.

⁸⁸ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 181.187-188.

⁸⁹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 188.

⁹⁰ O apelativo '*El*, que corresponde ao nosso «deus», que designa a divindade em geral, e significa «poder», «força», podendo, para o efeito, ser associado aos vocábulos da mesma raiz '*elôn* e '*ayil* [= carvalho, árvore frondosa] (Gn 12,6; 18,1). H. CAZELLES, *La Bible et son Dieu*, Paris, Desclée, 1989, p. 18.

⁹¹ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 1-39*, p. 111.

árvores e jardins em Gn 2,9 e 3,6⁹². Mas também lemos a anotação justiceira de que secam as folhas dos carvalhos e os jardins ficam sem água (Is 1,30), e o seu destino é o fogo que não se extingue (Is 1,31; cf. 27,11; 66,24)⁹³. E é a própria ação humana dos *posh'ím* que, como uma faísca, provoca o incêndio, sem o poder apagar (Is 47,14; 50,11)⁹⁴.

Vejam agora os quatro andamentos que marcam o fecho do último Capítulo do Livro (v. 17; v. 18-21; v. 22-23; v. 24). Os separadores naturais destes andamentos são constituídos por três menções da chamada «fórmula conclusiva do mensageiro» ou «fórmula de legitimação»: *n'um-YHWH* fecha o v. 17; *'amar YHWH* fecha os v. 21 e 23.

«66,¹⁷ Quanto aos que se santificam (*mitqadd'shím*) e se purificam (*mithab'rím*) para os jardins (*gannôt*), atrás (*'abar*) daquele (*'abad*) que está no meio (*batawek*), que comem carne de porco, coisas abomináveis (*sheqets*) e ratos (*'akbar*), juntos perecerão (*saphal*), oráculo de YHWH (*n'um-YHWH*).

¹⁸Mas Eu (*n'anókê*) para as suas obras (*ma'sebem*) e para os seus pensamentos (*mahsh'botêhem*) venho (*bô'*), para reunir (*qabats*) todas as nações (*kol-haggóyim*) e línguas, e elas virão (*bô'*) e verão a minha glória (*kabód*). ¹⁹Porei neles (*babem*) um sinal (*'ôt*), e enviarei de entre deles (*mehem*) sobreviventes (*p'lêtbím*) às nações (*'el-haggóyim*): Társis, Pul e Lud, Mosoc, Tubal e Javan, e às ilhas distantes, que nada ouviram de mim, e não viram a minha glória (*kabód*), e contarão (*higgôdí*) a minha glória (*kabód*) entre as nações (*haggóyim*). ²⁰E trarão (*hebi'ú*) todos os vossos irmãos de todas as nações (*kol-haggóyim*) como oferenda (*minhal*) para YHWH, a cavalo e em carros e em liteiras, em mulas e em dromedários, à montanha da minha santidade (*'al bar godshê*), Jerusalém, diz YHWH (*'amar YHWH*), como trazem os filhos de Israel a oferenda (*minhal*) em vasos puros à casa de YHWH. ²¹E também (*n'gam*) de entre eles (*mehem*) tomarei (*laqah*) sacerdotes e levitas, diz YHWH (*'amar YHWH*).

²²Sim, do mesmo modo que os novos céus (*bashshamayim hab'dashím*) e a nova terra (*ha'arets hab'dashah*) que eu estou para fazer (*'oseh*) estarão firmes diante de mim (*om'dím l'phanay*), oráculo de YHWH

⁹² J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 124.

⁹³ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 188.

⁹⁴ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 124.

(*n'um YHWH*), assim estará firme a vossa descendência (*zera*) e o vosso nome (*shem*). ²³De lua nova em lua nova e de sábado em sábado, virá toda a carne (*kol-basar*) prostrar-se (*bishtab^anot*) diante de mim (*lphanay*), diz YHWH (*'amar YHWH*).

²⁴Eles sairão (*yatsa*) e verão sobre (*ra'ab b'*) os cadáveres dos homens (*b'phigré ha^anashím*) que se rebelaram contra mim (*baposb'^aim bí*). Sim, o seu verme não morre e o seu fogo não se apaga (*lo' tikbel*), e eles serão uma visão de horror (*dera'ón*) para toda a carne (*kol-basar*).

Como é facilmente verificável, os principais temas que encontramos em 1,27-31, reaparecem, ainda mais elaborados, nesta parte final do Livro de Isaías (66,17-24), composta em sucessivas camadas textuais e temáticas, cujo efeito é concluir, por assim dizer, atar os fios, das diferentes páginas e os diferentes registros que se foram amontoando ao longo do Livro. Assim, e começando pela primeira vaga, o v. 17 fecha os últimos Capítulos do Livro (56-66), mostrando que aqueles que, nos v. 15-16, são submetidos ao julgamento pelo fogo e pela espada, são os devotos dos cultos idolátricos referidos em Is 57,3-13 e 65,1-7. Visadas são, portanto, as cerimónias realizadas nos jardins sagrados, em que os devotos se purificam (*thabar*) para tomar parte num culto impuro (!) e se santificam (*qadash*) (cf. Is 65,5) para ter acesso aos jardins sagrados (cf. Is 65,3), onde têm lugar estranhas assembleias religiosas reunidas ao redor de um (*'abad*) presidente, um pouco à imagem do que se pode ver em Ez 8,11⁹⁵. Note-se o uso do modo hitpael (reflexivo) dos verbos *thabar* [= purificar-se] e *qadash* [= santificar-se], o que implica uma ação levada a efeito por nós, quando é sabido que «purificar» e «santificar» só podem receber-se como um dom de Deus (cf. Is 59,15-21; 63,1-6)⁹⁶. Os idólatras reúnem-se nos jardins sagrados ao redor de um (*'abad*) presidente. No se que refere ao numeral cardinal, uma coisa é o que está escrito [= *k^ethîb*, o que está escrito]: está escrito *'abad* [= um], masculino; outra coisa é o que se deve ler [= *q^eré*, para ser lido]: a indicação é

⁹⁵ P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 490; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 311-312.

⁹⁶ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 686.

que se leia 'abat [= uma], feminino⁹⁷. As duas leituras são possíveis, e a crítica textual divide-se entre as duas opções⁹⁸. Se a primeira (*k^ethîb*) nos pode colocar perante um cenário cultural idolátrico semelhante ao que encontramos em Ez 8,11, presidido por um certo Jezonias, filho de Safã, a segunda (*q^rrê*) abre diante de nós um vasta gama de cultos idolátricos, que também estão presentes nos diferentes cenários de Ez 8, e que têm a ver com os jardins e as árvores sagradas, com a deusa Asherah, que anda associada com o vigor do carvalho e do terebinto⁹⁹. Mas pode igualmente ser evocado o paralelo com os cultos de Tammuz-Adonis e com a deusa Ishtar¹⁰⁰. Neste sentido dos falsos cultos e dos falsos deuses, a preposição 'abar [= atrás de] não tem de fazer supor uma procissão ordenada e linear, mas pode bem ser a estreita adesão a um deus ou a uma deusa ou à árvore frondosa que a representa no meio do jardim¹⁰¹.

O cenário que se segue (v. 18-21) parece não ter nada a ver com o cenário traçado no v. 17, mais parecendo até de costas voltadas para ele. O corte com o cenário imediatamente anterior, desenhado no v. 17, salta logo à vista em termos sintáticos com aquele «Mas eu» (*n^r'anôkê*)¹⁰², que abre o v. 18. O corte mencionado liga-se antes aos v. 15-16, que falam da «vinda» (*bô'*)¹⁰³ de YHWH para julgar na sua parusia¹⁰⁴. E prossegue em termos temáticos, retomando e rematando outras linhas temáticas que atravessam o corpo textual isaiano, sobretudo no domínio universalista, abrindo novíssimas perspectivas para todas as nações (*kol-haggôyim*) (v. 18.20), todas envolvidas numa imensa procissão de

⁹⁷ *k^ethîb* é o que está escrito no texto massorético. À margem ou em nota está o *q^rrê*, que indica a forma como se deve ler. Ver, por exemplo, J. WEINGREEN, *A Pradtical Grammar for Classical Hebrew*, Oxford - Nova Iorque, Clarendon Press, Oxford University Press, 2.^a ed., 1959, p. 22.

⁹⁸ Crítica textual em D. BARTHÉLEMY, *Critique textuelle de l'Ancien Testament. 2. Isaïe, Jérémie, Lamentations*, Gotinga, Vandenhoeck & Ruprecht, 1986, p. 461-462; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 309, alínea b).

⁹⁹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 311.

¹⁰⁰ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 312.

¹⁰¹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 312.

¹⁰² J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 687.

¹⁰³¹⁰³ O verbo *bô'* que, neste final de Isaías, se repete seis vezes, é o termo que, no contexto, se reveste de maior importância. J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 407.

¹⁰⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 312-313.

esperança rumo à montanha santa e à cidade santa de Jerusalém (v. 20), que surge assim como o verdadeiro centro do mundo, lugar da revelação final da glória de Deus (cf. Is 60,1; 62,2) e do estabelecimento do seu reino escatológico¹⁰⁵. Vê-se que esta perspectiva comenta e continua Is 11,11-12, recupera e ultrapassa a expressão coral de Is 60-62¹⁰⁶, mas recupera, concretiza e ultrapassa também a peregrinação de todas as nações (*kol-haggóyim*) ao monte de YHWH (*bar-YHWH*), de Is 2,2-5¹⁰⁷, cumpre e ultrapassa a bênção de Deus, partilhada por Israel com os seus tradicionais inimigos, o Egito e a Assíria (Is 19,24-25), o banquete para todos os povos (*kol-ha'ammim*) e um mundo novo para todas as nações (*kol-haggóyim*) e para todos os rostos (*kol-panim*), carinhosamente limpos de lágrimas, tudo sobre este monte (*bahar haẓẓeh*) preparado (Is 25,6-8), a missão do Servo de YHWH de ser a luz das nações (*'ór góyim*) (Is 49,6; cf. 42,6)¹⁰⁸. Este magnífico cenário reclama ainda Is 56,1-8, e a extraordinária elevação e inclusão dos estrangeiros no povo de YHWH, dignos de subir ao «monte da minha santidade» (*bar qodshî*) e de entrar na «casa da minha oração» (*bêt t'phillatî*) (v. 7), assim definitivamente transformada em «casa de oração para todos os povos» (*bêt-t'phillah t'kol-ha'ammim*) (v. 7). Declaradamente, fica patente a oposição entre «os jardins» e os lugares altos com árvores frondosas, por um lado, e o «monte de YHWH», o «monte da minha santidade», por outro, confirmando a função do «monte», purificado de maldade e violência, em Is 65,11.25¹⁰⁹.

Este «monte» é, portanto, o lugar aonde Deus vem (*bô'*) (v. 18), não apenas para julgar, cumprindo a promessa feita no v. 15, e desfazer as nossas obras e pensamentos distorcidos (v. 18), que não são as suas obras e os seus pensamentos (cf. Is 55,7-8), mas é também o lugar aonde virão (*bô'*) as nações,

¹⁰⁵ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 313.

¹⁰⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 313.

¹⁰⁷ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 408; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 313.

¹⁰⁸ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 313.315.

¹⁰⁹ J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 407.

para o efeito aí reunidas por Deus, para verem a sua glória (*kabôd*) (v. 18), tema que atravessa de lés-a-lés o texto de Isaías (4,5; 6,1-5; 24,23; 33,20-22; 52,7), e, no contexto do v. 18, sugere o estabelecimento do reinado de YHWH e a sua ascensão ao trono como rei do universo¹¹⁰. Aí está então, por Deus reunido, um mundo novo, gentes novas, que vêm de toda a parte e que quase para toda a parte são enviadas, com nomeação geográfica de Társis, Pul e Lud, Mosoc e Tubal, e Javan (v. 19). Na verdade, Pul e Lud parecem situar-se no Norte de África (talvez Somália e Líbia), são quase sempre nomeadas juntas (cf. Jr 46,9; Ez 27,10; 30,5; 38,5), o mesmo acontecendo a Mosoc e Tubal, a situar talvez na Anatólia (cf. Ez 27,13; 32,26; 38,2-3; 39,1). Estes dois pares de nomes surgem, no nosso texto, enquadrados por Társis (talvez Tartessos na Espanha, Sardenha ou Cartago), a abrir, e Javan ou Yavan, certamente a Jónia ou Yonia, no litoral grego, a fechar¹¹¹. Esta distribuição diz respeito ao Ocidente, Norte e Sul, mas exclui o Oriente, ou seja, a Mesopotâmia, que é a sede da principal comunidade da diáspora judaica¹¹². Alude-se a um sinal (*'ôt*) posto neles (*babem*) (v. 19), e discute-se a natureza deste sinal¹¹³. Constitui certamente uma analepse de todos os «sinais» (*'ôt*, *'ôtôt*) que atravessam o Livro de Isaías (7,11.14; 8,18; 19,20; 20,3; 37,30; 38,22; 55,13)¹¹⁴ e também o Livro do Êxodo (3,12; 4,8.9.17.28.30; 7,5; 10,1-2)¹¹⁵. Mas, dentro de Isaías, é ainda obrigatório recolher 11,12 e 49,22, onde aparece, não *'ôt*, mas *nes*, com a nota específica de ser «sinal» para as nações e sua convergência para Jerusalém¹¹⁶. Neste sentido, é também prolepse dos «sinais» (*sêmeion*, *sêmeia*) que atravessam as páginas do NT, mormente no IV Evangelho e Ap 15,1, explicitado em 15,4: «todas as nações virão e se prostrarão

¹¹⁰ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 313-314.

¹¹¹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 314. Ver também, com uma distribuição geográfica ligeiramente diferente, J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 689.

¹¹² J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 314.

¹¹³ P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 491.

¹¹⁴ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 688.

¹¹⁵ A. COUTO, *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, Cucujães, Ed. Missões, 1990, p. 100, nota 342.

¹¹⁶ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 314.

diante de ti»¹¹⁷. Os enviados são alguns de entre eles (*mebem*) (v. 19), os «sobreviventes» (*p^e lethím*) (v. 19), em outro lugar ditos «sobreviventes das nações» (*p^e lîthê haggôyim*) (Is 45,20), que, dada a sua proveniência, podemos identificar como «prosélitos», gente proveniente das nações pagãs, mas que já aderiu à fé judaica num Deus único, criador e providente¹¹⁸, e ao seu código de conduta. O texto é de uma ousadia imensa, pois avança mesmo, coisa inaudita, agrafando o v. 21 ao 20 com um *n^egam* [= «e também»]¹¹⁹, que Deus fará de alguns destes pagãos sacerdotes e levitas (v. 21)¹²⁰, que não farão apenas trabalho de transportadores dos filhos de Israel como oferta (*minhab*) para YHWH (v. 20), mas estarão eles mesmos verdadeiramente «vinculados a YHWH (*hannihwím 'al-YHWH*) para o servir (*šhartô*)» (56,6). De notar a extrema precisão deste verbo *sharat* que, fora do âmbito secular, vê o seu uso limitado ao ofício cultural (*n^esharel*) dos sacerdotes (cf. Ex 28,35; 29,30; Nm 3,31; 2 Cr 29,11; 31,2; Ez 40,46...) e dos levitas (cf. Nm 1,50; 3,6; Jr 33,22; Ez 44,11-12; 2 Cr 8,14)¹²¹. Não estamos, portanto, perante uma mera aproximação ou tolerância limitada, mas perante um verdadeiro serviço sacerdotal que os prosélitos passam a prestar com toda a propriedade a YHWH. Is 66,18-19.21 vinculado a Is 56,1-8 são, pois, o retrato de uma imensa abertura e novidade nunca vistas, que certamente assenta em vivências em uso na Província Persa de Judá, e do novíssimo testemunho de um quase impensável modo de relacionamento entre a comunidade judaica e os prosélitos de então¹²². John Oswalt comenta acertadamente que esta abertura do sacerdócio aos pagãos é tão estranha, chocante, e mesmo repugnante, que só pode ser intencional¹²³. De tal modo escandaloso, que o escriba de 1QIs omitiu simplesmente este dizer do texto de

¹¹⁷ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 688.

¹¹⁸ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 314-315.

¹¹⁹ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 690; P.-E. BONNARD, *Le Second Isaïe. Son Disciple et leurs éditeurs (Isaïe 40-66)*, p. 493.

¹²⁰ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 315.

¹²¹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 315.

¹²² J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 315.

¹²³ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 690.

Is 56,6¹²⁴. Assente em vivências e experiências circunstanciais, o sonho do profeta aponta realidades futuras que o horizonte trará com o vento do Espírito. Um dia será uma realidade o novo «Israel de Deus» (cf. Gl 6,16), expressão que não conhece precedentes no judaísmo, e que Paulo usa apenas aqui esta única vez, e que não pode senão ter em vista os cristãos no seu todo, sem distinção de proveniência judaica ou cristã¹²⁵, aqueles que têm por «cânon» (*kanôn*) (Gl 6,16) a «Cruz do Senhor Nosso, Jesus Cristo» (Gl 6,14)¹²⁶.

O tom universalista e escandalosamente inclusivo, imprimido por Deus no cenário anterior (v. 18-21), marcado por duas fórmulas «conclusivas do mensageiro» ou «de legitimação» (v. 20 e 21), mantém-se no cenário agora em observação (v. 22-23), claramente escatológico, em que é dito que «toda a carne» (*kol-basar*) adorará o verdadeiro Deus, o Deus de Israel, em Jerusalém (v. 23), cenário igualmente marcado por duas fórmulas «conclusivas do mensageiro» ou «de legitimação». Este cenário que coloca toda a humanidade, mês após mês, sábado após sábado, a caminho de Jerusalém e de Deus, lembra e supera Zc 14,16-21, que assinala o ritmo anual (*shanah b'shanah*) em que as famílias da terra sobem a Jerusalém para celebrar a festa das Tendões (*bag-bassukêkôl*) (v. 16), e traduz verdadeiramente a vocação, eleição e missão de Israel: entregar a fé! Quando se faz da «separação» um fim em si, já é de idolatria que se trata¹²⁷, e não é esse o objetivo da eleição. Para tanto, a todos é requerida a fé neste Deus que afirma a firmeza e permanência da humanidade, da vossa descendência (*zera'*) e do vosso nome (*shem*), ainda desconhecidos, sobre outra realidade igualmente ainda desconhecida, a estabilidade e firmeza dos novos céus (*bashshamayim hab'dashim*) e da nova terra (*ha'arets hab'dashah*) que Deus ainda está para fazer (*'oseh*) (v. 22), retomando o fio de Is 65,17. A fé vai, portanto, à frente e mais longe e vê de outro modo, de modo diferente, do que aquilo que

¹²⁴ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 460.

¹²⁵ S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Galates*, Paris, Cerf, 2000, p. 483-484.

¹²⁶ S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Galates*, p. 481-482.

¹²⁷ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 691.

é simplesmente constatável e mensurável. Soa aqui outra vez a nota musical já tocada em Is 56,5, em que é prometido aos eunucos um «nome eterno (*shem 'ôlam*)», «nome melhor do que filhos e filhas (*shem thôb mibanâm ûmibanôl*)», de que o eunuco etíope, eunuco e etíope, de At 8,27-39, é a confirmação acabada¹²⁸, mas também ressoa a música da promessa feita a Abraão, descendência dada e nome dado (Gn 12,1-3), promessa e linguagem coadas por Is 48,19¹²⁹.

O último cenário, apresentado no v. 24, encontra-se simultaneamente vinculado e separado do anterior. A vinculação processa-se pela repetição do sintagma «toda a carne» (*kol-basar*) (v. 23 e 24)¹³⁰, que, de resto, só é usado na segunda metade do Livro (40,5.6; 49,26; 66,16.23.24)¹³¹. A separação verifica-se no uso da fórmula «conclusiva do mensageiro» ou «de legitimação» (*'amar YHWH*) no final do v. 23¹³². No que se refere ao Livro de Isaías, o v. 24, o último do Livro, retrata praticamente o correr do pano sobre o inteiro Livro, e, por isso, em jeito de inclusão literária com o início (1,27-31), repete, com a força dos agrafos, vários motivos linguísticos, de teor escatológico, aí referidos. Tais acenos são sobretudo verificáveis na repetição vocabular de os «rebeldes» (*posh'îm*) (1,28; 66,24), e o seu fim, que é «arder» (*ba'ar*) e «não se apagar» (*ên m'kabeh / lo' tikbeh*) (1,31; 66,24), estando este último motivo também presente na conclusão de outras importantes secções, em que se lê: «Não há paz, diz YHWH, para os malvados (*'sha'îm*)» (48,22; 57,21)¹³³. Este quadro e o seu caixilho, que dão ênfase ao julgamento divino¹³⁴, mostram também a intenção de apresentar o Livro como uma composição unificada¹³⁵, como um verdadeiro Livro no sentido moderno do termo, ideia que só começa a aparecer no Período

¹²⁸ J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 459.

¹²⁹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 316.

¹³⁰ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 85; J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 692-693, nota 88.

¹³¹ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 85.

¹³² J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 315.

¹³³ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 316-317.

¹³⁴ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 316.

¹³⁵ J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 316.

Helenístico¹³⁶. É também para esse período que aponta a separação nítida entre adoradores e rebeldes, com estes reduzidos a uma «visão de horror», dita com o termo *dera'ôn*, talvez derivado de *ra'ab* [= ver], significativamente só usado aqui e em Dn 12,2¹³⁷. Fica na retina a última cena do v. 24 e do inteiro Livro, em que os que saem (*yatsa'*), certamente do culto do Templo, mas também dos mundos opressores do Egito ou da Babilónia ou de outros, pois *yatsa'* é o verbo emblemático do Êxodo, «veem sobre» (*ra'ab b'*)¹³⁸ os cadáveres dos rebeldes, do mesmo modo como os israelitas «saídos» do Egito veem os egípcios mortos à beira do mar (cf. Ex 14,30), e o mesmo que sucede ao exército de Senaquerib, que sitiava Jerusalém, reduzido a cadáveres naquela manhã (cf. 2 Rs 19,35; Is 37,36)¹³⁹. Diante dos olhos dos adoradores de YHWH está, pois, ainda que o texto o não refira expressamente, o Vale de Hinnom, hoje *Wadi-er-Rababeh*, a sul da cidade, onde se desenrolava o culto a Moloch com sacrifícios humanos (cf. 2 Rs 23,10; 2 Cr 28,3; Jr 7,32-33; 32,35). É fácil ver este Vale de Hinnom, sobretudo a partir da sua sonoridade hebraica, *gé' hinnôm*, a derivar para a Geena, como se verifica nos dizeres de Jesus nos Evangelhos (cf. Mt 5,22.29-30; Mc 9,43-48; Lc 12,5)¹⁴⁰. Tudo somado e passado pelo crivo deste imenso Livro, no horizonte não está, como muitas vezes se vê e sente, a vitória dos malvados, sejam eles judeus ou pagãos, mas a vitória dos verdadeiros adoradores de YHWH, sejam eles judeus ou pagãos¹⁴¹.

136 J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 85.

137 J. BLENKINSOPP, *Isaiah 1-39*, p. 85.

138 Em muitas passagens do AT, a expressão «olhar sobre» os inimigos implica, além da vitória sobre eles, também sentimentos de extremo regozijo e de humilhação (cf. Jz 16,27; Sl 22,18; 54,9; Ez 28,17; Mq 7,10). J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 693; J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 317.

139 J. ALONSO SCHÖKEL, J. L. SICRE DIAZ, *Profetas*, I, p. 408.

140 J. BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 317; J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 692-693.

141 J. N. OSWALT, *The Book of Isaiah. Chapters 40-66*, p. 693.